

# Gustavo Barroso: por um Brasil antijudaico, autoritário e anticomunista (1932-1937)

*Gustavo Barroso: for an anti-Jewish, authoritarian and anti-communist Brazil (1932-1937)*

Cícero João da Costa Filho<sup>1</sup>

## RESUMO

As décadas 1920 e 1930 foram de agitação política, ideológica e social, no Brasil. O liberalismo em crise, o cenário de corrupção representado pelas oligarquias, movimentou ideólogos afinados com a direita ou à esquerda, em menor grau, saindo em defesa de uma sociedade sem estado. Nessa ótica, figuras de direita e de esquerda mostravam suas posturas para o Brasil do porvir. Gustavo Barroso foi uma das figuras significativas dessa época, militante da AIB, escritor, e bem relacionado, tanto no campo das letras como da política. Representante dos setores conservadores, Barroso foi o único integralista que saiu à caça do judeu, destilando ódio, fazendo apelo racial, defendendo até a eliminação desse grupo. Católico, representante dos setores conservadores, Barroso será o único integralista a defender a eliminação da figura do judeu, recorrendo à autores racistas, que embasaram o nazismo. Escrevendo 11 livros voltados diretamente contra o judeu, Barroso responsabiliza-o pelos problemas do mundo, por ser uma figura sem amor à pátria, que só se preocupa em lucrar, que não se mistura, e o mais grave, assassinou Jesus Cristo. Afinado com alguns setores da direita, o Brasil almejado por Barroso era a de uma democracia social cristã, em que o judeu não participava.

**Palavras-chaves:** Gustavo Barroso; Judeu; AIB; Liberalismo; Brasil

## ABSTRACT

The 1920s and werw one of political, ideological and socialturmoil in Brazil. Liberalism in crisis, the scenario of corruption represent by the oligarchies, moved ideologues in with the right or the left, to a lessr degree, coming out in defense of a stateless society. From this perspective, figures from the right and left showed their postures for the Brasil of the future. Gustavo Barroso was one of the significant figures of that time, a member of the AIB, a writer, and well connected, both in the field of letters and politics. A representative of the conservative sectors, Barroso was the only integralista who went hunting for the jew, oozing hatred, making a racial appeal, even defending the elimination of the jew. A catholic, representative of conservative sectors, Barroso will be the only integralista to defend the elimination of the figura of the jew, resorting to racista authors, who founded nazism. Writing 11 books aimed directly at the jew, Barroso holds him responsible for the problems of the word, for being a figure without love for the country, who only cares about making a profit, who does not mix, and the most serious thing, murdered Jesus Christ. In tune with some sectors of the right, the Brazil desired by Barroso was that of a christian social democracy, in which the jew did not participate.

**Keywords:** Gustavo Barroso; Jewish; AIB; Liberalism; Brazil.

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, respectivamente. Realizou os cursos de mestrado, doutorado e concluiu dois pós-doutorados na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É autor dos livros *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX* (1892-1898) (Ed. LCTE, 2016); *Silvio Romero: literatura, raça e política* (1851-1914) (Ed. Porto de Ideias, 2017); *No limiar das raças: Silvio Romero* (1870-1914) (Ed. Todas as Musas, 2016); Organizador dos livros *Visões autoritárias: reflexões sobre o pensamento conservador no Brasil do século XX* (Organizador) (Ed. Todas as Musas, 2019); *À margem da História: representações e cerceamento no Brasil Contemporâneo* (Ed. Sertão Cult, 2021). E-mail de contato: cicerojoaofilho@gmail.com

## Vida e trajetória intelectual

Gustavo Barroso nasceu em Fortaleza em 1888. Era filho do coronel Felino Barroso, tabelião e de Ana Guilhermina Dodt Barroso, que viera com o pai a serviço de obras públicas no Brasil. Notadamente com ranços de um verdadeiro nobre, o avô paterno de Barroso hospedara no município de Aracati (importante centro econômico por ser porto para o transporte de carne seca, na manutenção dos engenhos de Pernambuco e Bahia) o viajante Koster. Seu avô era engenheiro e doutor em Filosofia pela Universidade de Viena, um típico representante da nobreza Walsore. Do lado paterno, Barroso descendia de família tradicional, depois estabelecido na cidade, tendo atuação política entre 1840-1880. Admirador das forças armadas, sonho que não realizou por causa de sua família, entrou na Faculdade de Direito do Ceará em 1907, exercendo os trabalhos de professor, desenhista, cenógrafo ou jornalista, para se manter durante o curso. Fundada por Thomas Pompeu, filho do senador Pompeu, uma liderança política do coronelismo dos Accioli, Barroso se posiciona contra o autoritarismo do oligarca, apesar de seu pai ser amigo íntimo deste.

Sua atividade literária e jornalística começa com a fundação do *O Garoto*, *O Equador* e *O regenerador*, ora participando de outros órgãos como *O Unitário*, *O Colibri*, *O Figança* e *O Demolidor*, este último veículo socialista de Joaquim Pimenta, ora participando de grupos literários como o *Grêmio Literário 25 de Março*. Participou de outras atividades culturais, sendo secretário da *Talma Cearense*, da sociedade literária *Clube Máximo Gorki*, primeira agremiação socialista do Ceará. Foi colaborador da imprensa carioca nos jornais *O Malho*, *O Tico-Tico* e a *Careta*, com o pseudônimo de João do Norte. Em 1911 chega ao Rio e logo tornou amigo de Coelho Neto, destacado da Academia Brasileira de letras. Em 1912 é publicada sua *Terra do sol: natureza e costumes do Ceará*, dedicada ao amigo Coelho Neto, tendo a consagração no terreno das letras no Brasil. Barroso foi secretário da Comissão de Estudos do Prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil de Congonhas e de Belo Horizonte, correspondente do Correio Paulistano. Em 1913, foi designado Secretário Geral da Superintendência da Defesa da Borracha, tornando-se nesse momento redator do *Jornal do Comércio* até 1919. Posteriormente, em 1920, é chefe de Revisão dos Debates do Senado Federal e foi tradutor da prestigiada Livraria Garnier, retorna a sua terra para ser Secretário do Interior e da Justiça, para também assumir a redação do Diário do Estado, quando este era administrado pelo primo General Barroso, eleito presidente do Estado. Em 1915, afasta-se de suas atividades para se candidatar ao cargo de deputado federal pelo Ceará, pelo Partido Republicano Conservador, apoiado pelo governo estadual e pelo maior opositor da política aciolina, Pinheiro Machado.

Em 1918, assume a secretária do Boletim Comercial e Consular do Ministério das Relações Exteriores. Em 1919, com sete livros já publicados, viaja como secretário da delegação brasileira para a Conferência de Paz, liderada pelo futuro presidente da República, Epitácio Pessoa. Foi ainda inspetor do Distrito Federal, se afastando deste

para assumir com a ajuda do amigo Epiácio Pessoa, o Museu nacional, com afastamentos, mas até o fim de sua vida. Em 8 março de 1923 é eleito para a Academia Brasileira de Letras ocupando a cadeira 19, antes ocupada por D. Silvério Gomes Pimenta. Presidiu esta instituição nos anos 1932-1933, 1949 e 1950, alternando os cargos de tesoureiro, de primeiro e segundo secretário e secretário geral. Ainda no Rio, advogou no Foro do Rio e foi secretário geral da Comissão Internacional de Jurisconsultos. Essa intensa atividade burocrática foi entremeada por uma densa produção literária. Barroso escreveu “ensaios de sociologia sertaneja e folclore, História e biografia, literatura didática, literatura histórica, ensaios sobre arqueologia e museologia, contos e novelas regionais, romances, literatura infantil e Ensaios de temas gerais, somados a crônicas, livros de inspiração integralista, discursos, conferências de teatro, memórias, antologias” (MENEZES, 2006). Há quem anote uma produção intelectual que chega a uma centena de livros. Elvia Bezerra afirma que foram mais de cem os romances de Gustavo Barroso, produção superada no Brasil por Coelho Neto. Cytrynowicz menciona uma produção de 70 livros.

### **Igreja: o discurso intolerante e racista de um antissemita**

As elites brasileiras contavam com um aliado importante, que era a de alguns setores da Igreja, que moralmente hostilizavam a visão judaica. Para além de uma discussão religiosa, envolvendo os princípios da cristandade, quando analisamos figuras como Gustavo Barroso, o pano de fundo de suas argumentações se apoiava na visão negativa do povo judeu.

Criado pela Igreja, a imagem negativa do judeu existiu desde a Antiguidade, sendo revisitada aos sabores dos interesses políticos, de políticos, letrados ou de homens da própria igreja, numa espécie de “História do Antissemitismo”, o que não se confunde com História do Judaísmo. Formado sob a insígnia do autoritarismo e da exclusão, sob a vigência do pensamento europeu e do branco, o pensamento católico esteve intrinsecamente ligado ao processo histórico da formação histórica brasileira.

Num momento de indefinição política, sob o assombro do comunismo, a década 1920 soou como uma hidra que precisava ser combatida, para, assim, assegurar o novo Brasil do porvir. Os projetos nacionais, vinculados sempre a projetos ilustrados, das letras, artes e ciência, criavam seus fantasmas, para somente, assim, direcionar os caminhos para viabilizar qual o Brasil a ser formado. A partir da década de 1920, o judeu passa a preocupar o Estado brasileiro, tornando o grande perigo num momento de indefinição e construção de uma nova nação, o que não era uma novidade para o Estado brasileiro, que, a partir de 1850, com a Lei de terras, abria a questão da melhor raça a explorar as terras nacionais. Nessa perspectiva, vemos a construção da imagem de um judeu malevolente, marcando o campo da literatura. Em livros, panfletos e jornais, estampa-se um judeu avarento, ganancioso, apátrida, não medindo forças para ganhar o mundo, em busca de dinheiro. Uma série de obras antissemitas circulam pelo Brasil, justificando o perigo de uma raça indesejável após o mundo assistir à onda

bolchevista de 1917. A formação ou crise de certos países juntavam a descrença das democracias liberais, na criação de um Estado forte rechaçando seu entrave, que, na ótica de Barroso, tinha o judeu como principal responsável.

Trazendo na esteira obras como de Henry Ford, *O Judeu Internacional*, *Les Forces Secrètes de la Revolution*, de León de Poncis, o conhecimento da maior fraude literária, no caso, *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (Barroso prefaciou a versão brasileira em 1936), uma farta literatura antissemita de teor panfletário circulou fora do meio acadêmico, capaz de seduzir setores médios, militares, médicos eugenistas, profissionais liberais, intelectuais. Dentre esses setores, destacamos o surgimento da AIB, defendido por setores médios, que ganha adesão popular, trazendo nomes como os de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Ainda que conforme Hélió Trindade, em sua obra clássica, o antissemitismo tenha sido questão secundária, foi nas hostes integralistas que o ódio ou a perseguição ao judeu surgiu como discurso oficial, na produção integralista de Barroso, somando 11 livros.

Um dos argumentos de perseguição à figura do judeu era ser este um sujeito errante, por ter negado Jesus como o messias, era inerente a sua raça o parasitar, perambular pelo mundo, sem amor a sua pátria. Aqui, a visão católica explica o argumento de Barroso: o judeu portava os piores defeitos por ter negado Jesus como o salvador. Acusado de matar Cristo, envenenar poços e matar crianças para fins rituais, a figura do judeu foi brutalmente encarada como um povo malévolos, uma espécie de mal, satanás (POLIAKOV, 1985). Sem direito à cidadania, um pária pelo mundo, restou ao judeu emprestar dinheiro, donde o ódio da população a um sujeito imprestável, sem ocupação, vivendo uma vida de verdadeiro nobre (ARENDRT, 1989). Mas, a hostilidade ao judeu, e assim, a visão deste como o ‘culpado’ da história data dos tempos remotos dos imperadores romanos, perseguindo os judeus em suas sinagogas.

Barroso assimilou todo um imaginário do judeu medieval e moderno, o primeiro com aspectos animalescos, com pelos e cornos; o segundo, uma figura que engatava revoluções, era inclinado aos pequenos golpes, não media esforços quando se tratava de tirar proveito do outro, sugando, cada vez mais se infiltrando, pondo abaixo qualquer sociedade cristã. Para o autor de *História Secreta do Brasil*, o judeu se confunde com o liberalismo, tanto político como econômico, é responsável pelos horrores do mundo, num momento onde se verifica cada vez mais a desigualdade entre ricos e pobres. O que se observa de maneira sintética é a ideia do judeu enriquecido, banqueiro, que vive de explorar, buscando dinheiro custe o que custar. Não adaptado ao trabalho agrícola, o judeu era uma raça inclinada ao comércio, possivelmente esta era uma das causas da construção do judeu como anárquico, de caráter dissolvente, manietando mundialmente a história com um plano já traçado.

Como tantos outros homens que corroboram a visão cristã da Igreja católica, Barroso constrói sua postura autoritária a partir de sua imagem nefasta, equalizando o pensamento de setores médios e católicos do Brasil dos anos 1930. O camisa verde defende a criação de um Estado forte, uma democracia social cristã, nutrido pela força

do espírito, que ordena a nação acima dos partidos e dos centralismos. Somente a partir do espírito, combatendo as pretensões marxistas encabeçadas por seus intérpretes (Buckarine, Sorel), é possível um novo Brasil. Assim, em nome de um projeto nacional, como os demais integralistas, Barroso combate o liberalismo, o capitalismo internacional, o comunismo, inimigos externos do país.

Quanto ao judaísmo é tacitamente reconhecida a posição do escritor com relação a outros nomes do Integralismo. A crítica ao marxismo se dá por uma combinação de fatores. O marxismo era uma falsa promessa, não passava de empréstimo à filosofia burguesa, era contraditória por colocar na dianteira a matéria na frente do espírito, era na verdade “uma velhacaria de 1848”, “que não ia bem das pernas”. Por ser materialista, não solucionava a situação miserável em todos os campos (material, humano, econômico), chegava a ser imoral por valorizar o “quantitativo” em detrimento do “qualitativo”, sendo responsável pelas mais trágicas mazelas sociais, dentre elas, a prostituição. Uma vez que Marx tinha filiação judaica como lembrava Barroso, o comunismo era criação do judaísmo internacional, que adentrou também instituições secretas, dentre elas a mais importante, a maçonaria. Criação do judaísmo internacional, todos os movimentos liberais e “toda a corrente filosófica materialista, que vem do século XVIII, corresponde a movimentos políticos intelectuais dos judeus”. Numa verdadeira cruzada no combate ao poder nefasto do judaísmo internacional, somente o Integralismo (em alguns momentos o pensamento do escritor é análogo ao criador Plínio Salgado) restauraria a ordem caótica mundial que começou a ruir desde o Renascimento, envolvendo nomes como os de Lutero. Ainda que Barroso tenha uma postura de perseguição ao judeu, em alguns momentos, seu pensamento se deve ao líder Plínio Salgado,

215

É certo que o Integralismo exige juramento de fidelidade ao sr. Plínio Salgado? O Integralismo exige o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional. É princípio da doutrina integralista – ainda recentemente exposto e desenvolvido com grande clareza por Plínio Salgado – que o chefe não é uma pessoa: é uma ideia. Essa ideia está encarnada num homem e não é possível defendê-la com risco de sua própria vida sem lhe jurar fidelidade. Esse juramento é a base de nossa disciplina: é o compromisso de sacrificar interesses, ambições e inclinações de ordem pessoal pelo triunfo de uma grande causa. Nessas condições, como exigir obediência, se não houver um compromisso voluntário de obedecer? Ele é a afirmação categórica do princípio de autoridade. (BARROSO, 1935, p.111)

Responsáveis pelos prejuízos do país onde estivessem, capazes de tudo para obtenção de dinheiro, no Rio de Janeiro, uma série de comunistas foram presos pela polícia, e havia o envolvimento de judeus em redes criminosas, no contrabando de escravos, no tráfico de armas, de entorpecentes e até de mulheres, o judeu era um “povo eleito para os crimes repugnantes” (BARROSO, 1937, p.153). Barroso trata os comunistas presos pela polícia carioca como judeus, não há separação entre comunismo de caracteres ligados ao judeu. Repudiando a ligação entre o chefe comunista Luís Carlos Prestes e Henry Berger, de ascendência judaica, esta era a razão

para Barroso considerar o judeu imundo e imoral. Comunismo e judaísmo internacional eram faces da mesma moeda, assim como liberalismo e o ateísmo. O judeu era responsável por toda uma conjuntura caótica.

### **Uma obra antissemita: os causadores do mal**

Não há uma só obra integralista de Barroso em que o autor não avenge fatos e mais fatos da malevolência mundial do judeu. O judaísmo tinha escravizado o mundo, tinha se mostrado ilusório na solução do caos mundial, fora uma falsa promessa depois do fim mundo hierárquico dos tempos medievais. Era do judeu incitar a guerra e o ódio entre as classes para tirar proveito. No fundo, Barroso temia a dissolução do absolutismo em decorrência das ideias liberais ligadas de maneira errada à maçonaria. Verdadeiros “veneradores do capital”, idólatras do “Bezerro de Ouro”, a ganância, a usura, a exploração a todo custo eram traços pertencentes à figura do judeu.

Até aqui em nenhum momento o camisa verde faz relação à raça semítica, mas em momentos específicos e com forte carga pejorativa vemos passagens extremamente racistas, que nos faz lembrar a linguagem nazista que vê o judeu como verme, piolho ou bactéria. Barroso nunca admitiu que sua aversão ao judeu devesse a raça judaica, falava que seu antissemitismo era moral ou religioso e não racial, seu antissemitismo se elevava mais alto que o regime nazista. Mas uma verdadeira linguagem profilática, como bem lembra Tucci Carneiro (2001), faz enquadrar Barroso nos tradicionais discursos antissemitas que inferiorizavam e criavam o judeu como mal a partir da ideia de raça. Barroso pensa o judeu a imagem e semelhança das elites europeias, que, por questões nacionais, teve o judeu como o grande responsável pela decadência da Alemanha.

Inúmeros fatores integram a ideia malévolá que apenas no século XIX trouxe a questão racial como argumentação para respaldar a culpa do judeu, o antissemitismo tradicional tornou antissemitismo de “corte moderno”, como escreve Hannan Arendt. O judeu pensado por Barroso é o judeu irreal, mas é este que se tornou bode expiatório do Estado brasileiro a partir de 1920, matéria prima indispensável para a *Questão Judaica*, nas décadas de 1930 e 1940 (CHOR, 1999). Ainda que o judeu tratado por Barroso e pela elite brasileira seja um judeu imaginário, o que nos interessa é a postura ideológica do camisa verde, pois é o posicionamento do chefe de milícias do integralismo que nos interessa. Outra questão extremamente importante é identificar a partir de que ou de quais elementos Barroso “montava” sua concepção sobre o judeu: era a partir da raça, de um grupo, de uma classe, de uma religião?

Ganancioso, errante, explorador, inassimilável, anárquico, comunista, debaixo de instituições secretas, o traço dissolvente do judeu amedrontava Barroso, sendo necessária uma verdadeira campanha contra a entrada de judeus no Brasil. Todos esses elementos formam a figura do judeu, sobressaindo o traço religioso e moral, advindo daí atributos que se ligam a raça, embora o escritor negue seu racismo, como ele chega a afirmar. A presença do judeu é o eixo central da obra barrosiana, como nos lembra

Cytrynowicz, considerando este como um parasita, verme, bacilo, bactéria, carrapato, tramoia de sangue e lama, configurando assim um verdadeiro projeto de eliminação judaica (REIS, 2004). Barroso compactua com o conjunto de mitos sobre o judeu, pouquíssimas vezes alude ou ver o judeu como raça, mas sua linguagem sobre o povo semita nos possibilita facilmente enquadrá-lo em um discurso nazista.

O fato da inexistência de campos de concentração no Brasil em nada elimina um verdadeiro projeto de eliminação por parte desse integralista que concebia a figura do judeu como bandido, vírus, bactéria, carrapato que cada vez mais aumentava a coceira, quando da vinda de mais e mais judeus para o Brasil. Como tantos outros homens do Brasil (setores da Igreja, médicos, intelectuais, professores, setores médios, alguns tenentes), Barroso integrou setores reacionários que fabricaram o judeu como comunista e anárquico, sujeito extremamente malévolo que punha em xeque a formação do novo Brasil. Como tantos personagens, o integralista compactuou com a ideia da conspiração judaica, alimentando ainda mais a imagem nefasta do judeu ao longo da história. Vale a pena recordar que “não há portanto nenhuma base em que se possa fundamentar o clamor dos que defendem a teoria de uma raça judaica; é um mito biológico que não possui bases válidas para justificar uma atitude anti-semitica” (COMAS, 1960, p.38).

Barroso fala do judeu bem estabelecido socialmente, de um restrito grupo de pessoas que, por vezes, dominam a economia mundial, como banqueiros e credores. Para Barroso, todos os movimentos liberais se ligam ao judeu, e, mais que isso, o judeu dissolve as bases cristãs da sociedade onde se encontra. Bem situado socialmente (Barroso ocupou cargos importantes com presidente da ABL e foi criador do Museu Nacional), temeroso pelas mudanças do quadro social que estaria por vir, o pensamento como integralista brasileiro (o integralismo nada mais é que um movimento “político” rigidamente ordenado de fundamentação religiosa) é um pensamento totalitário que combate toda e qualquer formação de participação popular. Tantas vezes o camisa verde combateu a “anarquia do número” em benefício de um mundo ordenado pelo Estado *a lá* Aristóteles. As ideologias esquerdistas são fortemente condenadas pelo escritor a favor de um Estado Forte. O marxismo é veementemente condenado por sua amoralidade, contradição e ser produto do materialismo semita. O pensamento de Marx é velho e ilusório, não trouxe melhorias para o trabalhador, era filosofia materialista e ateuista, filha da burguesia, pertencente ao judaísmo internacional. Caduco, os preceitos de Marx não solucionavam a decadência de todo o quadro social arruinado com o fim dos tempos medievais, superados apenas como o Integralismo, capacitando ao homem um olhar globalizante. Como integralista, resguardava-se no sentimento e na obediência a Deus, expunha passagens e mais passagens das duas encíclicas atinando para a Questão Social, chamando atenção para as mazelas do capital, que cada vez mais tornava o homem mais distante de si, tornando-se cada vez mercadoria.

O liberalismo isolou o homem no individualismo e somente o considerou como cidadão-eleitor. O comunismo submerge-o no oceano da massa e o transforma em parafuso como estomago e libido dum maquinismo social. O mundo inteiro sente a imprescindível necessidade dum síntese que combata essas análises unilaterais. No duelo travado entre burgueses e operários, os verdadeiros intelectuais entram com uma terceira forma de justiça social. Karl Marx não previu este aspecto da luta de classes. Sua doutrina coordena os valores sociais dispersos e os canaliza para alto fim humano. Suas primeiras manifestações chamaram-se fascismo e nacional-socialismo. Sua expressão mais completa chama-se integralismo (BARROSO, 1935, p.45)

Um verdadeiro caos social, moral, político se instalou com a derrocada da ordem hierárquica característica dos tempos medievais. Barroso estava preso ao mundo regido pelo chefe maior que é Deus, dividido, sem antagonismos, que funciona harmonicamente sendo, só mais tarde, contestado pelo antropocentrismo renascentista,

O comunismo encarna-se contra a crença no Criador, no Ser Supremo, em Deus porque dele vem, em última análise, o sopro misterioso que tangeu desde os primeiros passos, na senda áspera e ascendente de sua evolução, a humanidade inteira. Somente Deus pode dar um fundamento moral, duradouro, estável á autoridade do Estado, a autoridade do chefe de família e ao direito de possuir. A sociedade tem de repousar sobre verdades eternas. (BARROSO, 1937, p.79)

A liberdade para a internacionalização dos mercados, diferente das relações entre as corporações de ofício, abalou toda a estrutura social, criando um homem sem valores, sem moral, aprisionado pelas forças malditas do capital. Agenciado por homens de pensamento liberal, adoradores do “bezerro de ouro”, verdadeiros “sacerdotes do capital”, infestaram a humanidade com as mais perversas práticas, que acabou por escravizar toda a humanidade. O mundo entrou num verdadeiro caos político com o advento da democracia liberal, potencializada em todos os movimentos políticos do século XVIII. A democracia liberal surgiu e esteve presente já na crucificação de Cristo, daí em diante o que se nota é uma “história” de acontecimentos perniciosos ligados a esse empreendimento judaico. Resguardados em organizações secretas, como a Maçonaria, a mais importante para Barroso, o “Trovão da França” logo destilou seu veneno para as Américas e para o mundo.

Impulsionando cada vez mais a criação de mercadorias, separando *produto* de *economia*, o capitalismo foi criador do materialismo e do pragmatismo. Acabou por criar uma sociedade de ateus, fruto da liberal democracia, ponto importantíssimo na formação mental de Barroso sobre o judeu. Todo esse panorama é prova da teoria conspiratória arquitetada pelo judeu. O mito da conspiração judaica, ainda que Barroso afirme que não pretende voltar ao assunto para explicar tamanha anarquia mundial, é um forte argumento do antissemitismo do escritor. Barroso desenvolve a história do Judaísmo Internacional, mostrando a força do capitalismo internacional nas mãos de credores, grupos, famílias e banqueiros de ascendência judaica.

Trata-se de uma história teleológica, em que a dominação judaica esteve presente. Cytrynowicz fala de uma meta-história realizada pelo escritor, uma vez que a ideia de conspiração anula qualquer possibilidade no plano terreno, sendo o antissemitismo eixo central de sua História. Mas do que uma história teleológica e que nem sempre mostra seus reais personagens, a História antissemita de Barroso é uma história da condenação judaica. Se o fato ou acontecimento não aconteceu, ainda irá acontecer, uma vez estar previsto nos *Protocolos*. (COSTA FILHO, 2020)

Convicto no que anunciava *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, “texto mais clássico e mais difundido entre a multiplicidade de publicações anti-semitas que vieram à luz no século XIX”, o judeu investigado por Barroso é o judeu enriquecido, empreendedor do capital, banqueiro ou industrial (LVOVICH, 2007, p.113). A malevolência do judeu, presente seja em Nova York, Londres ou Brasil, causou prejuízos e endividou o país. Em *Brasil, colônia de Banqueiros*, Barroso arrola a lista de empréstimos contraídos pelo Brasil, prejudicando a economia nacional aviltada mais tarde pelo grupo judaico residente em São Paulo, “entregamo-nos a esse polvo no início de nossa vida, com o primeiro empréstimo que fizemos no estrangeiro logo após a independência e que nos tirou para sempre a independência. Que havíamos de fazer? Pobres, sem recursos, pedimos dinheiro emprestado”. (BARROSO, 1937)

Em São Paulo, por exemplo, um grupo de judeus era favorecido por políticos da câmara para realização de seus negócios financeiros. A *Sinagoga Paulista* se estabeleceu sendo favorecida pela reduzida taxa de impostos, alcançado poder não apenas no estado de São Paulo, como em todo o Brasil. O maior veículo de comunicação, *O Estado de São Paulo*, pertencia a um judeu. Barroso acusava Armando Sales de Oliveira, juntamente com o grupo de judeus de utilizarem o Estado para enriquecerem suas empresas. Lembremos que o político citado se lançou candidato nas eleições de 1930, quando também se lançara presidente Plínio Salgado. Conforme Barroso, o grupo de judeus arruinou a economia do país colocando este numa verdadeira crise. Alegava Barroso que o estado de São Paulo havia se tornado propriedade de judeus, mais um reflexo do Judaísmo Internacional. Piores que os comunistas, a verdadeira sinagoga que se aquartelou no estado arruinou o país, provocando um caos político e econômico:

Os insaciáveis judeus da Sinagoga paulista contrariados momentaneamente em todas as suas pretensões pela Revolução de 1930, aliaram-se a políticos despeitados e ambiciosos e envenenaram o povo paulista contra o governo central e o resto do Brasil, conduzindo-o à guerra civil de 1932. Fizeram crer a mocidade que o Sr. Getúlio Vargas, era inimigo de São Paulo, aplicando o processo judaico a que alude Ford: “incitar o ódio contra as pessoas a quem se quer aniquilar”. Entretanto, nós Integralistas, técnicos por dever de ofício, sabemos que os únicos inimigos de São Paulo são os judeus que o sugam, pronunciando frases amáveis e belas ou fazendo afirmações acarianas e ocas (BARROSO, 1937, p.13)

Barroso denunciava a isenção de impostos para a instalação de empresas estrangeiras de industriais judeus, somente possível devido às relações com políticos

paulistas. Melhor seria a política adotada por Mussolini, que combateu o protecionismo tarifário, com um câmbio vil. O integralista ressaltava que, para aqueles que acreditam no patriotismo, no dinamismo, o mundo é governado por individualidades, diferente daqueles que não conhecem o que se passa nos bastidores, ou seja: o poder judaico manipula a história, dando as cartas a todos os acontecimentos. Mais uma vez o escritor recorre às forças ocultas para respaldar e assim dá caráter de verdade a seus argumentos. O intento é um só, recorrendo à avareza do judeu, Barroso torna o judeu o bode expiatório no cenário turbulento da época.

Quando não é por meio de citações e autores famosos, busca fatos em que a participação do judeu está presente. Afora o traço de especulador e de avareza que traz em sua obra, o judeu que aqui aparece é um judeu que não se mistura, usurpador e ganancioso “que tem o mundo como tabuleiro”. Para que não paire nenhuma dúvida sobre a ganância do judeu, Barroso recorre a Ford, um dos autores indispensáveis para compreendermos a visão empreendedora do judeu. O pensamento de Barroso não é original, deve-se a autores como León de Poncis, Mario Saa, Henry Ford, J. Lúcio de Azevedo. Dessa forma, em suas obras vemos o desenrolar do pensamento antissemita moderno, “as obras de autoria de Barroso nada mais são do que mensagens repetitivas de temas e concepções antissemitas já existentes e contestadas no plano internacional, resultando em um aglomerado de ideias ecléticas” (CARNEIRO, 2001, p.283).

Adversário tenaz do judeu, Barroso perscruta a ascendência do seu oponente. Vale mencionar um exemplo: em *Sinagoga Paulista*, o advogado de defesa de Antônio Ermírio de Moraes é duramente criticado por Barroso, não por ter defendido Chateaubriand, mas pelo fato de ser judeu. Como já mencionado, era tática do camisa verde recorrer a autores de relevo para incriminar e dar *status* de verdade a sua fala, no caso, ver o judeu como mal. Sempre chega a uma conclusão pejorativa, como a que se segue:

Sé os micróbios da tuberculose publicassem jornais, naturalmente fariam, nos mesmos, terrível campanha contra o pneumotórax e os sanatórios, Davos e Campos do Jordão. Os jornalistas e advogados a serviço dos bacilos de Koch declarariam o pneumotórax um aparelho do tempo do Onça, mais velho do que a Sé de Braga, perigoso e maléfico; condenariam o frio de Davos e garantiriam que a amenidade de Campos de Jordão não passa duma figura de retórica da época do marquês de Maricá. (BARROSO, 1937, p.65)

Citando uma passagem de Bunsen, em que o filósofo escrevia que “somente os grandes espíritos são capazes de pregar a ordem moral nas épocas de escravidão política e de hipocrisia”, Barroso respaldava a saída de um novo Brasil a par do movimento não político, no caso, o integralismo, que reunia valores cristãos formadores do país desejado por Barroso. Fugindo à discussão de ser o integralismo um movimento político (Barroso tem obras específicas sobre o tema), o movimento que teve como mentor intelectual Plínio Salgado era a base para o combate do mal, verdadeira peçonha nas mãos de parasitas que infestam toda e qualquer sociedade. O

integralismo anunciava um novo mundo, completamente diferente do mundo onde o personagem principal era o judeu com sua força mundial, agindo sempre às ocultas. Só o integralismo podia deter as forças do mal:

O integralismo é uma Ação Social, um Movimento de Renovação Nacional em todos os pontos e em todos os sentidos. Prega uma doutrina de renovação política, financeira, cultural e moral. Prega essa doutrina, completa-o e amplifica constantemente com seus estudos, e prepara os homens capazes de executar as medidas dela decorrentes. Abrange, nos seus postulados, indagações e finalidades, todas as atividades nacionais. Bate-se, não por um programa partidário regional ou local, - autonomista, evolucionista, constitucionalista, partido republicano mineiro, partido republicano paulista, partido democrático, etc., mas pela construção duma Grande Pátria dentro de uma doutrina que contenha princípios definidos desde as concepções do Mundo e do Homem até as dos fatores materiais econômicos. (BARROSO, 1935, p.10-11)

No combate a anarquia social causada pelo comunismo, conforme aponta Barroso, criação judaica, só o integralismo salvaria o mundo do caos. Barroso erige dois mundos: de um lado o mundo regido pelos valores cristãos, sem luta de classes, sem partidos, a nação pairando acima de tudo; de outro, o mundo do caos, onde pairava toda sorte de corrupção social e política, capitaneado pelo judeu. É assim que o escritor elabora seus trabalhos integralistas. Em *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* (1937), recorre a vários artigos saídos na imprensa nacional e estrangeira objetivando condenar o judeu, responsável pelos males mundiais. De maneira apressada não há separação em Barroso de Comunismo, Liberalismo, Maçonaria e Judaísmo, vertentes do judaísmo internacional. Criações judaicas, os regimes são tacitamente reprovados. Os elementos do mal se devem a ação nefasta do judeu que desde muito tempo agiu de forma secreta:

O verdadeiro criador do comunismo marxista é o velho materialismo judaico que vem desde muitos centenários solapando os alicerces da civilização cristã. Ele influenciou o advento do liberalismo que abriu as portas ao comunismo. Bordeau reconhece as “estreitas afinidades que ligam o socialismo aos traços distintivos da raça judaica, entre os quais o espírito cosmopolita, racionalista e messiânico”. Toda a corrente filosófica materialista, que vem do século XVIII, corresponde a movimentos políticos intelectuais dos judeus: Os Maskilim, a ação de Leopold Zunz, o Néo-judaísmo e o Néo-messianismo. O israelita Bernard Lazare escreve que os judeus vivamente se interessaram pela primeira etapa da revolução econômica de 1789, após a qual, como diz Bordeau, - nasceu o socialismo dos males que resultaram para a classe operária da abolição das corporações. E como se torna impossível uma oposição religiosa? Suprimindo-a”. Se não existissem outras provas da interferência judaica nos movimentos filosóficos e revolucionários desintegralizadores da humanidade, esta seria mais do que bastante. (BARROSO, 1934, p.39-40)

Como piolho, micróbio ou bactéria (designações de Barroso ao judeu), tudo que fosse manifestação judaica logo era combatida pelo escritor. Um dos fundamentos

de sua crítica ao Marxismo era a predominância da matéria sobre o espírito, tornando as pessoas céticas, quando o integralista atribui extrema importância à religião para a formação do Brasil. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* é um livro em que o autor mostra as produções do *judaísmo internacional*, como a maçonaria e o marxismo, segundo Barroso, filhos do mesmo pai. Ao longo do livro, vemos a presença de um discurso intolerante, preconceituoso e racista, de um homem reacionário, simpático ao estabelecimento de um Estado Forte. Em boa parte da obra, analisa fatos internacionais encarando o judeu responsável pelos males do mundo. De início, diferenciava seu racismo do racismo germânico

Entre nós, o anti-semitismo não pode provir dum sentimento racista, porque o brasileiro é eminentemente contrário a qualquer racismo; porém desse sentido exatamente anti-racista. O que traz o mundo nos sobressaltos contínuos atuais, minado pelo revolucionarismo e pelo terrorismo, é justamente o racismo judaico. O judeu não se mistura com outros povos, mantém através dos séculos a pureza de sua raça, e dentro das outras nações, alicerçado nesse racismo, conserva a sua nacionalidade, feito um Estado dentro do Estado. (BARROSO, 1937, p.10)

Barroso se defende de sua postura racista mencionando o racismo do judeu, que não se permitia assimilar, preservando sua cultura, língua e religião. Este é um forte argumento que o autor se vale para justificar que não é um autor antisemita de traços racistas. Assim, o escritor logo trata de explicar seu antisemitismo, como “uma reação instintiva contra a ação nefasta de Israel, o parasita que se quer tornar, através do capitalismo e do comunismo, dono dos destinos humanos”. Combatendo alguns escritores racistas que se respaldam em caracteres raciais para perseguir o judeu, Barroso afirma que seu racismo estar além, trata-se de uma doutrina “que se eleva mais alto”.

*O nosso anti-semitismo* resume bem o pensamento de Barroso: “não somos racistas e encontramos apesar de natural simpatia pelo nazismo alemão, graves defeitos no racismo germânico, os mesmos que brilhantemente aponta Pierre Lucius, no seu livro *Les Revolutions E'tranger*. Uma vez que o racista era o judeu, seguindo seu racismo, já presente no *Talmud*, Barroso logo se mostra um pensador “antirracista”, ideia defendida por Sérgio Vasconcelos. Compactuando com a clássica ideia de que o judeu não se misturava, Barroso mostra a história de um povo isolado, fiel a suas tradições, que jamais se assimilava. Aqui surgia a ideia de um povo inassimilável, dificultando o desenvolvimento político e econômico do país, pois onde o judeu se encontrava fazia decair a sociedade. Dominando a imprensa e várias outras áreas, afora os enormes danos causados por sua presença, o judeu colocava em risco a ordem social. Fazendo de tudo para alcançar seus objetivos, apátrida, o judeu instigava motins e a guerra entre as classes para delas tirar proveito. Materialista, responsável pelo capitalismo internacional, causador de tantos danos, dentre estes, o individualismo liberal, a sombra do marxismo-judaico que colocou a civilização cristã em risco, “o judaísmo é a destruição sistematizada”. A anarquia social ou qualquer outra forma de

“desordem” integra o imaginário que o escritor integralista faz do judeu. O bolchevismo russo pouca coisa realizou, exceto a participação de “técnicos estrangeiros”. “O judeu não é, naturalmente, chefe nem criador... Pela sua perpetua inquietação, pela sua inata mobilidade, ele só traz ao seio dos povos prejuízos e desgraças”. Trazendo a leitura de Drumont, conclui que “os judeus entram pobres num país rico e saem ricos dum país empobrecido”.

Embora Barroso na maior parte de sua obra não possua um comportamento racista, em momentos bastante pontuais de sua obra chega a citar autores racistas ou até mesmo se comportar de maneira extremamente racista. Tratando de constatar o sobrenome Rabelo, algo corriqueiro no escritor em sua incessante caça ao judeu, conclui:

Por que essas três criaturas, tão afastadas no tempo e no espaço, tão diferentes entre si, se uniam e se parecem? É a voz do sangue ancestral que os obriga a agir assim. A sua raça judaica, que ainda se nota nas suas feições e em outras características pessoais, não pode permitir que fiquem indiferentes diante dum movimento que vise entregar a pátria às garras do judaísmo internacional. (BARROSO, 1937, p.118)

Após destilar sua ira ao judeu, enumerando diversos nomes ligados ao bolchevismo, causadores da desordem no Rio, remete ao advento do Nazismo em 1933, que, após treze anos, acabou com o sonho salomônico, pondo fim a exploração sofrida pela Alemanha sob as mãos do judaísmo internacional.

Após 1933, porém, o judaísmo acordou atordoado do seu sonho messiânico. A Alemanha, coração da Europa, quebrou, da noite para o dia, inesperadamente, as algemas com que Israel a manietara. A nação reagiu contra a escravidão humilhante que lhe impunha a raça mais vil do planeta. A onda nacional-socialista varreu a escória judaica das posições que ocupava. Daí, o ódio mortal contra Hitler. (BARROSO, 1937, p.126)

A imagem do judeu não poderia ser pior, “chave de todas as desgraças que afligem o mundo” este “é o cancro da nossa civilização”. Seja por meio do contrabando, por ser especialista na disseminação da propaganda moscovita, no tráfico de mulheres e de entorpecentes, para Barroso, “são o povo eleito para os crimes repugnantes”. Como se não bastasse à farta variação de conceitos do judeu, estes destruíram a ordem econômica brasileira assentada sob o café nas mãos de seis poderosos homens economicamente. Por isso, urgia uma verdadeira campanha antissemita por parte do estado brasileiro. Impiedoso quanto à denominação ao judeu, vemos desfilar uma denominação extremamente violenta, como: “bandidos sem pátria”, “camarilha de aventureiros”, “rebutalhados dos guetos”, “tramóia de sangue”, “vírus”, “bactéria”, “bacilos”, “lama fétida”, “carrapatos”, etc. A concepção que Barroso faz do judeu é extremamente malevolente, várias são as situações onde procura mostrar a ação dissolvente deste. Chamou atenção da presença comunista no

Brasil, sobretudo no Rio, arrolando diversos nomes, responsáveis pela desordem e diversos crimes na capital federal. Sobre Luís Carlos Preste escreveu:

Nunca se pensou que o “Cavaleiro da Esperança baixasse tanto! Tudo se lhe poderia perdoar, menos amadrinhar-se com judeus imundos e amorais para entregar-lhe a sua pátria. De parceria com Henry Berger, duas judias, uma delas misteriosa. Por trás deles, outras judias e judeus, sendo um o tal Jacob Eff. E, afinal, a malta dos espiões, propagandistas e revolucionários profissionais da Brazcor, todos os judeus. (BARROSO, 1937, p.138)

Responsáveis pelos prejuízos do país e capazes de tudo para obtenção de dinheiro, no Rio de Janeiro, os judeus eram responsáveis pela propaganda soviética, contrabandeavam ouro, estavam envolvidos com o tráfico de mulheres e com o comércio de entorpecentes, o judeu era um “povo eleito para os crimes repugnantes”. Repudiando a ligação entre o chefe comunista Luís Carlos Prestes e Henry Berger, de ascendência judaica, esta era a razão para Barroso considerar o judeu imundo e imoral. Comunismo e judaísmo internacional eram faces da mesma moeda, assim como liberalismo, ateísmo, democracia e materialismo. Para Barroso “o inimigo número 1 da humanidade é o judaísmo internacional”.

A vinda de levas de imigrantes italianos a partir de 1920, trazendo consigo ideias marxistas e até anarquistas, atemorizava Gustavo Barroso. Seus livros tratam de denunciar e alertar o Brasil para o perigo judaico, por isso sua campanha antijudaica. Convicto da malevolência judaica, poucas são as situações onde o autor mostra seu racismo. Admirador do mundo medieval debaixo do “Trono e do Altar”, a figura do judeu se mostra extremamente negativa, pois se trata de um revolucionário, anárquico, participava de redes de atentados e espionagem, causando terror. Nessa ótica, o judeu era a representação do mal, impeditivo à construção do Brasil forte e hierárquico que só o espírito do século XX fornecia bases para superação do caos. Só o regime integral traria as condições necessárias e imprescindíveis para a superação dos males de outrora. Trindade sintetiza bem o pensamento do líder dos camisas verdes

Portanto, o vínculo que Barroso estabelece entre o integralismo e o nacionalismo anti-semita é lógico. Ele apregoa que só um poder forte pode liberar o Brasil das forças dominadas pelos judeus, que mantem o país sob sua dominação há muito tempo. Ele cita os inimigos os inimigos como sendo as “forças ocultas” da maçonaria, a “Burschenschaft” do judaísmo; “as forças aparentes” da imprensa e da política manipuladas pelos primeiros e, enfim, as “forças econômicas e financeiras” internas e externas, controladas pelo judaísmo. (TRINDADE, 1979, p.254-5)

As ações comunistas procediam a “agitações de técnicas judaicas ou sorelianas”. Discordando de Trotsky, Barroso reiterava que as ações comunistas não deram início a Revolução Francesa, enfatizava que a revolução começa pelo interior, a partir do próprio Eu. Revolução não se dava aos saltos como queria os comunistas, os comícios de voz marxista proliferavam pela Europa, ninguém punisse um operário,

pois logo se levantaria uma greve. A pólvora estava para explodir! Barroso tantas vezes proclamou a campanha judaica, chamando atenção para o perigo da infiltração judaica no Brasil.

Barroso chamava atenção para o avanço “comunista judaico”, ressaltando o cenário “ensanguentado” espanhol, onde catedrais eram queimadas e antigas igrejas eram profanadas. O “anarquismo” judeu não tinha razão de ser, pois nenhuma sinagoga fora queimada, sequer se profanou um fragmento da *Torá*, não se matou nenhum judeu, etc. Todo este cenário não aconteceu na católica França de São Luís, mas sim quando governava o judeu Léon Blum. Mais uma vez Barroso tratava o judeu como raça: “lágrimas de vergonha escorrem pela sua face. O sangue começa a ferver-lhe nas veias. Sua gente, *da mesma raça*, une-se”.

Buscando fundamentar sua concepção sobre o judeu, dentre os elementos que integram sua complexa imagem judaica, uma questão era clara: Barroso diversas vezes se colocou com um escritor antirracista. Quando o integralista não recorre aos Protocolos para condenar a figura do judeu, no plano da história busca acontecimentos onde a presença judaica é incontestável. Assim, o fato de ser judeu já autoriza Barroso a traçar um quadro totalmente pejorativo sobre a figura deste. Seja mencionando encontros ou conferências, recorrendo à publicação de livros que reforcem a imagem nociva do povo semita, o que busca o autor é incriminar o povo de Israel. Por isso, a repetição (seus livros traçam o estereótipo do judeu), dos mesmos temas explorados em suas obras.

Afirma que o judeu se considerava superior, achando-se povo eleito, por não ter pátria era compreensível à chamada revolucionária, “judeus de todas as nacionalidades, uni-vos”. Palavras centrais como raça e nacionalidade eram diferenciadas pelo camisa verde, conformando e levando o leitor a não ver o integralista como um escritor racista. Sua obra integralista busca a condenação do judeu, seja a partir de um povo, ou ligado a religião, não se misturando, estes elementos são o anteparo do racismo barrosiano. Onde quer que o judeu esteja está plantada a anarquia ou a desordem social, a individualidade, o egoísmo e a ambição. Não bastasse a presença de vários comunistas no Rio, presos pela polícia carioca, é preciso deter o forte poder de infiltração deste povo. A simples ascendência judaica já é o suficiente para Barroso incriminar e agredir a figura do judeu.

Nos livros de Barroso, muitas vezes, observamos parágrafos inteiros sem que o autor faça as devidas citações, forçando a autoria de autores racistas, respaldando sua postura pejorativa com relação ao judeu. Em algumas passagens de sua obra, não se sabe ao certo se determinadas falas são suas ou não, confundindo o leitor diante de um texto pobre, descritivo e panfletário. O que interessa é a todo custo depreciar o judeu, “piolho”, “verme”, “bactéria”, “carrapato”, “camarilha de bandidos”, “lama fétida”, que corrompe e dissolve a sociedade onde se encontra. Tamanha são as deprecições que leva o autor a jogar para o “lado de lá” o preconceito e o racismo. Interessa a Barroso se defender do outro, o inimigo é a figura do judeu, racista, inimigo de toda e qualquer sociedade cristã, que orchestra um plano de dominação mundial.

Cada capítulo de Barroso é uma situação em que a malevolência do judeu estar presente e deve ser combatida.

### Considerações Finais

Surgido em decorrência do primeiro conflito mundial e das tensões políticas oriundas da Constituição de 1891, da descrença com as democracias liberais e da ameaça comunista experimentada na Rússia, a elaboração de um projeto político de Estado Forte acionou, em setores da elite brasileira, um discurso racial e intolerante que sempre esteve presente na História do país. Na década 1930, o judeu se torna aos olhos do estado brasileiro um verdadeiro “bode expiatório”, “raça indesejável” que impede a formação do país como nação. Setores de direita e grupos reacionários, assim como membros da Igreja, juntamente com intelectuais, profissionais liberais, e alguns tenentes, simpatizam com a criação de um Estado autoritário, que tem em suas entranhas a tônica racial.

O judeu passa a ser visto como raça indesejável, um verdadeiro agente do mal, que impede o desenvolvimento do país. Importante figura do cenário nacional, e com forte influência política, Gustavo Barroso aderiu ao Integralismo, defendendo a eliminação do judeu, postura peculiar dentro da AIB. Utilizando uma linguagem extremamente racista, o escritor concebe o judeu como parasita, verdadeiro cancro da sociedade. Assim, em seu projeto de Brasil, o judeu tinha que ser eliminado para o desenvolvimento do país.

226

### Referências

BARROSO, Gustavo. **Integralismo e catolicismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora ABC Limitada, 1937.

\_\_\_\_\_. **Judaísmo, maçonaria e comunismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

\_\_\_\_\_. **O integralismo de norte a sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. **O que o integralista deve saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Antissemitismo na Era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. In: **Raça e Ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

COSTA FILHO, Cícero João da. **Forças do mal**: os prejuízos ‘raciais’ da figura do judeu na produção integralista de Gustavo Barroso (1933-1937). São Paulo: Todas as Musas, 2019.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso**. São Paulo, Dissertação de mestrado FFLCH/USP, 1992.

LVOVICH, Daniel. Trajetória de um Mito Conspirativo: Circulação e Usos dos Protocolos dos Sábios de Sião e seus Textos Epigônicos na Argentina (1923-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza (org.). **O antissemitismo nas Américas**: história e memória. São Paulo: Fapesp, 2007.

TRINDADE, Hégio Henrique. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2.º Ed. São Paulo: Difel, 1979

*O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.*

**Recebido em 21/09/2021**

**Aprovado em 13/11/2021**

227

